



## **As Lentes do Dispositivo Como Prolongamento do Olho e a Fotografia Como Prolongamento da Memória.<sup>1</sup>**

Pauliana Greyce Bento da SILVA<sup>2</sup>

Thalita CHARGEL<sup>3</sup>

Ronaldo Bispo dos SANTOS<sup>4</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **Resumo:**

Com o advento da fotografia, suas facilidades, potencialidades e fragilidades, ficamos suscetíveis ao esquecimento iconográfico de nossa própria memória, nossa memória fotográfica. Este artigo pretende discutir o valor e o uso da fotografia como um dos grandes instrumentos portadores de memória, memória própria, memória a ser elucidada, interpretada, rememorada. Diante de uma cena inusitada, de uma catástrofe, diante de acontecimentos da vida cotidiana ou de um artista de rua que toca na calçada, uma multidão de curiosos passa cada vez mais a tomar um novo posicionamento diante destes fatos. Em vez de olhos curiosos, celulares e câmeras digitais documentam os detalhes da cena.

**Palavras-chave:** fotografia; história; memória; dispositivo.

### **Corpo do trabalho**

As tentativas humanas de fixar imagens de objetos e paisagens, animais e pessoas, são antigas quanto o processo da civilização humana. Os hieróglifos - registros de silhuetas de animais nas paredes das cavernas, realizadas pelo homem primitivo, por exemplo, já revelavam esta necessidade de expressão simbólica do mundo exterior. A pintura durante muito tempo também assumiu o papel de expressão da memória visual humana, tendo, a partir do Renascimento, a busca por uma reprodução cada vez mais fidedigna do real como critério legítimo.

Entretanto, já na segunda metade do século XIX, o universo dos métodos visuais de representação passou a sofrer uma série de modificações, principalmente com o surgimento dos princípios técnicos do processo fotográfico tal como é conhecido hoje. Com as invenções e descobertas resultantes da Revolução Industrial, a caixa preta, que já tinha substituído o quarto escuro em pesquisas buscando o registro de imagens,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da - UFAL, email: [gbs.paulinha@gmail.com](mailto:gbs.paulinha@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da- UFAL, email: [thalita@chargel.com.br](mailto:thalita@chargel.com.br)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAL, Diretor do Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes- ICHCA, email: [ronaldobispo@terra.com.br](mailto:ronaldobispo@terra.com.br)



adquiriu novos aperfeiçoamentos. De acordo com Cláudio A. Kubrusly que discorre com uma breve explicação sobre o surgimento da fotografia em seu livro *O que é Fotografia* e diz:

A fotografia surgiu na revolução industrial, na época da industrialização, onde tudo se tornava mais barato. Em pouco tempo a fotografia começou a produzir outros tipos de imagens. Entre elas imagens documentando condições subumanas de trabalho existência. Eram imagens cruas, que pela simples existência impunham alguma providência, imagens que clamavam contra um estado de coisas que não se podia mais fingir não vê. (KUBRUSLY. 1991 p.11)

Num mundo onde a produção de imagens era um processo raro, só feita por pintores e desenhistas, essa invenção tem grande importância histórica. A possibilidade de fixar um fragmento do tempo, até então, entendido como contínuo e linear, muda a relação das pessoas com outras formas de registro do "real", provoca as mais diversas reações nas artes plásticas, principalmente na pintura, e fornece subsídios técnicos para o desenvolvimento da imagem em movimento.

A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto. O discurso combina signos que certamente têm referentes, mas esses referentes podem ser na maior parte das vezes são “ quimeras”. Ao contrário dessas imitações, na fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. (BARTHES, 1980, p.115)

A perfeição da imagem fotográfica, a exatidão com que representava a realidade, era o fato surpreendente que fascinava aqueles que viam as novas imagens. Conscientes ou não, eles as estavam comparando à pintura, ao desenho e a gravura, e jamais tinham visto tanta informação precisa reunida em uma única imagem. Durante o século XIX, a fotografia lutou para firmar-se como arte, mas não foi capaz de encontrar sua identidade. Foi apenas sob condições extraordinárias de conflitos políticos e reformas sociais que ela voltou para o tema fundamental da arte, que é a própria vida. Ao desenvolver uma visão independente, a fotografia viria a combinar os princípios estéticos da Secessão e a abordagem documental do fotojornalismo com as lições aprendidas com a cronofotografia. Sontag fala claramente no livro *Ensaio sobre a fotografia* sobre a definição da originalidade da fotografia e fala das limitações desta:

o que define a originalidade da fotografia é o facto de, no preciso momento em que o secularismo triunfa por completo na longa e cada vez mais secular história da pintura, fazer reviver — em termos absolutamente seculares — algo que se assemelha ao estatuto primitivo das imagens. A nossa irremediável sensação de que o processo fotográfico é qualquer coisa de mágico tem uma base



genuína. Ninguém pensa que uma pintura de cavalete seja de algum modo co-substancial ao seu tema; apenas representa ou refere. Mas uma fotografia não se limita a prestar homenagem ou a assemelhar-se ao seu tema. (SONTAG, 1986, p.137-138)

Ao mesmo tempo, a pintura moderna, à qual a fotografia logo se aliou, forçou nesta última uma transformação decisiva, minando os pressupostos estéticos e colocando-a frente a um novo desafio quanto às suas credenciais para poder ser considerada uma verdadeira arte.

Arlindo Machado defende a fotografia como arte no livro *Ilusão Especular* dizendo “O ato de fotografar e o ato de revelar são considerados artes de extremo rigor.” (MACHADO, 1984, *passim*) Como as outras artes a fotografia respondeu a três principais correntes de nossa época: Expressionismo, Abstração e Fantasia.

Mas por ter continuado a se dedicar quase integralmente ao mundo à nossa volta, a adesão da fotografia moderna ao realismo foi muito grande, tendo tido em consequência um desenvolvimento à parte. Por isso a fotografia do século XX, está dividida em escolas. Vejamos o que Barthes fala da fotografia como arte no livro *A Câmera Clara*:

a sociedade procura tornar a Fotografia sensata, temperar a loucura que ameaça constantemente explodir no rosto de quem a olha. Para isso ela tem sua disposição dois meios. O primeiro consiste em fazer da fotografia uma arte, pois nenhuma arte é louca. Onde a insistência do fotógrafo em rivalizar com o artista, submetendo-se á retórica do quadro a seu modo sublimado de exposição. A fotografia pode ser, de fato, uma arte: quando seu noema é esquecido e conseqüentemente sua essência não age mais sobre mim. (BARTHES, 1980, p. 172)

Surpreendentemente mesmo a introdução da fotografia colorida pelos irmãos Lumière, em 1907 teve um impacto relativamente pequeno sobre o conteúdo, perspectivas ou estética da fotografia, embora tenha removido o último obstáculo colocado pelos críticos do século XIX quanto à sua aceitação como arte. A fotografia criou de fato uma nova arte, o cinema. Cinema e fotografia são artes complementares que representam de maneiras diferentes a vida. A fotografia com seu caráter estático, iniciou um processo revolucionário aproximando distâncias e promovendo a disseminação de variados tipos de imagens que dependendo do contexto ao qual foram expostas influenciam de maneira particular as pessoas.

Terminando essa breve explanação sobre o início da fotografia vamos agora falar do objeto estudado, as lentes do dispositivo como prolongamento dos olhos.



## **As lentes da câmara fotográfica como dispositivo visual**

Sabemos muito bem que as lentes de uma câmara capturam uma imagem, que o que olhos não podem ver a lente desse dispositivo poderoso alcança. O que nossos olhos não vêem com certeza a lente de câmara vê e registra, tal fato registrado torna-se uma foto, foto esta que muitas vezes é o prolongamento da nossa memória, quantas vezes pegamos um álbum de família e nos deparamos com lembranças que talvez sem a foto ali em nossa mão não nos lembraríamos. Vemos a fotografia com prolongamento ou extensão de nossa memória. Susan Sontag em seu livro *Ensaio sobre a Fotografia* expressa muito bem sobre a fotografia como documentação, como memória.

Cada família constrói, através da fotografia, uma crônica de si mesma, uma série portátil de imagens que testemunha a sua coesão. Sejam quais forem as atividades fotografadas o que importa é que as fotografias sejam tiradas e conservadas com carinho.” (SONTAG, 1986, p.18)

Susan apenas afirma algo que é tradição há séculos, os álbuns de família, o primeiro uso popular da fotografia estava relacionado com a comemoração de realizações de indivíduos enquanto membros de uma família (bem como de outros grupos).

Durante pelo menos um século, a fotografia de casamento fez parte da cerimônia quase sem título que as fórmulas verbais. As câmeras acompanham a vida familiar, quem é que não leva uma câmara na bolsa ao sair de férias com a família ou amigos? Hoje em dia até na hora de uma mãe dar a luz lá está ela com seus dispositivos prontos para ser disparado, para não perder sequer um movimento, um instante importante.

A câmara se tornou com o passar dos anos uma companheira para registrar momentos marcantes de nossa vida. A fotografia, antes de qualquer outra consideração representativa, antes mesmo de ser uma de ser imagem que reproduz as aparências de um objeto, de uma pessoa ou de um espetáculo do mundo, é em primeiro lugar, essencialmente, da ordem, da impressão, do traço, da marca e do registro. Nesse sentido, a fotografia pertence a toda uma categoria de “signos” (senso lato) chamados pelo filósofo e semiótico Charles Sanders Peirce de “índice” por oposição a “ícone” e a “símbolo”.

As fotografias documentam seqüência de atividades que se viaje, a dependência da câmara, enquanto instrumento que torna real a experiência vivida, não diminui. A fotografia, sendo uma forma de



comprovar a experiência, é também um meio de a negar, ao limitá-la a uma procura do fotogênico, ao convertê-la numa imagem, numa recordação.” (SONTAG, 1986, p.19)

É isso que a fotografia faz nos mostra que aquele momento importante e que nos deixou feliz, sempre existiu, temos como comprová-lo através da fotografia que tiramos. Quando aparece em um álbum de família, a fotografia se afirma como memória pessoal. Estampada no jornal ou presente em um arquivo público assume o status de memória social.

Poderia a fotografia ser o novo aedo da era moderna? Sem dúvida temos a escrita, o desenho, a pintura, a música, que muito antes do surgimento da fotografia já se portavam a tal função. Então não seria a fotografia também uma nova forma, talvez uma forma moderna, rápida, precisa de perpetuar a memória, de “resgatar” a lembrança? Com certeza ela faz isso muito bem, quiçá seja um dos melhores suportes, pois é uma imagem e, no processo de rememoração, da lembrança, da memória propriamente dita, nós nos valemos das imagens das coisas, “dos ícones, índices, e símbolos”<sup>5</sup>.

E agora com o advento da fotografia digital, suas facilidades, potencialidades e fragilidades, ficaram suscetíveis ao esquecimento iconográfico de nossa própria memória, nossa memória fotográfica. Com a evolução dos processos e a massificação da fotografia, os retratos em família já podem ser “tirados” sem a presença de um profissional, permitindo à maioria das famílias possuir também suas fotografias, seus álbuns de família, perpetuando assim, mais eficazmente, uma memória secular.

Tal foto, com efeito, jamais se distingue de seu referente (do que ela representa), ou pelo menos não se distingue dele de imediato ou para todo mundo (o que é feito por qualquer outra imagem, sobrecarregada, desde o início e por estatuto, com o modo como o objeto é simulado): perceber o significante fotográfico não é impossível (isso é feito por profissionais), mas exige um ato segundo de saber ou de reflexão. (BARTHES, 1980, p. 14-15)

É importante salientar o papel da mãe como retratista e mantenedora das lembranças familiares. Pode-se até afirmar que é ela quem tem o papel e a preocupação em acompanhar o crescimento dos filhos, em preservar, organizar, catalogar as fotos, a

---

<sup>5</sup> O semioticista americano Charles Sanders Peirce (1839–1914) chama de índice o signo que significa seu objeto somente em virtude do fato de que está realmente em conexão com ele; de ícone, um signo que remete ao objeto que ele denota simplesmente em virtude das características que ele possui; e símbolo de um signo que remete ao objeto que ele denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais, que determina a interpretação do símbolo por referência a esse objeto (SANTAELLA; NÖTH, 1999 p.59-71).BMP.



memória fotográfica da família. Essa memória ajuda a dar sentido à nossa existência; ela nos faz tornar cidadãos, compreender melhor o mundo, e a compreender quem somos.

### **A fotografia e o pensamento moderno**

A fotografia foi um fenômeno que revolucionou a memória, a sociedade da época e o pensamento moderno. A concepção e visão de mundo se alteraram a partir do seu advento. Ela, com sua chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, muito contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social e antropológico de imediato, a fotografia pode ativar a memória, falar sobre um passado, permitir revivê-lo no futuro, mesmo não sendo ela pertencente ao indivíduo que a observa, mesmo não sendo até ela a rememoração de seu passado.

A fotografia carrega consigo a magia da (re) criação Roland Barthes esclarece muito bem quando diz:

É possível que, no desenvolvimento cotidiano das fotos, as mil formas de interesse que elas parecem suscitar, o noema “isso - foi” seja, não recalcado (um noema não pode sê-lo), mas vivido com indiferença, como um traço que não precisa explicação.” (BARTHES, 1980, p.116)

Àquele que a observa, uma incitação àquele momento eternizado. Ela suscita e ressuscita sentimentos. Esta é uma qualidade inexorável da fotografia que independe de seu tempo e do modo como foi produzida e pode atuar tanto na memória individual quanto na coletiva. Em nível individual, uma fotografia pode reavivar sentimentos antes esquecidos, relativos a um momento ou a uma presença que não está mais entre nós, ou trazer, por instantes, sensações vividas em determinada época e que já não existem mais; ela cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos. É incontestável afirmar que a fotografia pode ser considerada um dos grandes relicários, documento/monumento, objeto portador de memória viva e própria.

Tomamos como exemplo os álbuns de família, fotos de viagens, retrato de uma antiga namorada. Com elas reassumimos nossa condição de existência; com elas descobrimos que podemos preservar a lembrança dos grandes momentos e das pessoas



que nos são importantes: são referências da nossa história, elas existem para nunca deixarmos de lembrar destes momentos.

### **Fotografia como registro**

Nossas comemorações, conquistas, feitos, datas, descobertas... Fotografar significa congelar no tempo a nossa memória, atestar e perpetuar a nossa existência. Este é o mais popular e talvez o mais antigo uso da fotografia: parar no tempo e no espaço algo que, para nós, tenha sido provavelmente importante ou simplesmente agradável, familiar, bonito, atraente.

Fotografamos a vida, a arte, a morte, o acabado e o inacabado. Fotografamos para ver depois, para sentir o que sentimos no instante da captura, sentir o próprio momento passado no presente. A fotografia pode ter sua morte aparente. O seu ciclo de memória (individual, mas não coletiva), de recordação, rememoração, pode se extinguir. O que nos resta de todo o processo fotográfico é o documento/relicário. As pessoas envelhecem e morrem, os objetos e equipamentos se modificam ou se deterioram com o tempo. O que resta é a fotografia, o que nela ficou registrado se materializa e se imortaliza.

As lentes do dispositivo como prolongamento do olho e a fotografia como prolongamento da memória. Temos vários exemplos disso em tempos de aumento cada vez maior de dispositivos como: câmeras digitais embutidas de telefones a canetas, todos estes são produtores em potencial de imagens. Diante de uma cena inusitada, de uma catástrofe cotidiana ou de um artista de rua que toca na calçada, os olhos dos curiosos assumem uma nova posição, não estão mais olhando fixamente a cena diante deles, observam-na através da tela pixelizada de LCD de seu aparelho captador de imagem. Em vez de olhos curiosos, celulares e câmeras digitais documentam os detalhes da cena. Fotografia faz parte de nossa história, ela nos ajuda a construir e relembrar um passado que queremos que sempre relembrar, mostrar a amigos aquela medalha que ganhamos em algum campeonato, nossa felicidade ao fazer caras e bocas ao ver uma câmera em nossa frente é incrível, o ser humano gosta de deixar rastros, gosta também de registrá-los. Pois que a fotografia além de registrar um momento e perpetuá-lo ela também é um conjunto de signos Philippe Dubois nos esclarece como a fotografia é vista pela visão de uma determinada personagem, a fotografia como signos semânticos:



Quando determinada fotografia oferece aos nossos olhos interrogadores a visão de determinada personagem, por exemplo, um homem de uniforme ao lado de um cavalo arreado, só temos certeza de uma coisa: esse homem, esse cavalo, esse arreo existiram, estiveram efetivamente ali, um dia, naquela posição. Mas é tudo o que a foto nos diz. Nada sabemos sobre a significação/real ou particular que se deve atribuir a essa existência. Nesse sentido, podemos dizer que a foto não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca. Boba, diriam alguns. Mostra simplesmente, puramente, brutalmente, signos que são semanticamente vazios ou brancos. Permanece essencialmente enigmática. Este é o sentimento que todos aqueles que consideraram lúcida e honestamente uma fotografia experimentaram em maior ou menor medida. (DUBOIS, 1993, p.84)

Com o avanço e o barateamento das tecnologias de registro de imagem torna-se mais fácil fixar essas memórias em um arquivo digital e disponibilizá-las para o mundo e compartilhada com nossos queridos ao mesmo tempo em cada vez menos se *analogiza-se* essas imagens. Este formato digital torna estas memórias mais frágeis e supérfluas que podemos imaginar. Mas ainda sim, o importante é registrá-las. Mas esta mesma memória pode ser falha ou até mesmo enganadora. A fotografia é apenas uma fração do real. A fotografia captura apenas um instante, tal como um sorriso relâmpago dentro de um dia cinza.

Ao recordar deste dia, muito tempo depois, quando o sentido perder-se no esquecimento, a impressão maior que teremos é de um dia leve e alegre. Uma simples alteração em uma foto, por exemplo, pode mudar a forma como lembramos um evento. Observando fotos oficiais de regime soviético que costumavam retirar de suas fotos antigas, fotos que exibiam momentos de glória e de conquistas, os que eram sendo considerados traidores, a fim de apagá-los da memória e destituí-los do papel de heróis que antes ocupavam. Susan Sontag discorre sobre a fotografia como meio de informação, vejamos o que ela diz:

As fotografias são valiosas porque fornecem informação. Dizem-nos o que existe; fazem um inventário. [...]. Mas nas situações em que a maior parte das pessoas usa as fotografias, o seu valor informativo é da ordem de ficção. A informação que as fotografias podem dar começou a ser valorizada no momento da história da cultura em que todos julgam ter direito àquilo a que chamamos notícias. As fotografias eram vistas como um modo de dar informação a pessoas que não tinham hábito da leitura. (SONTAG, 1986, p. 29-30)

Fotografia como meio de informação, além de ser um valioso meio de registrar momentos, a sociedade foi acostumada sempre a colecionar fotografias, porque





colecionando-as é como prova de aquele momento existiu, ter uma imagem em casa, guardada como álbum é coisa muito encontrada pois a imagem é também um objeto, leve, barato e fácil de transportar, acumular e conservar. Os estrategistas do regime vermelho antecederam desta maneira estudos de psicologia aplicada que afirmam que o cérebro procura elementos nas fotos pra preencherem lacunas de suas lembranças.

E Sontag enfatiza mais ainda dizendo:

As fotografias fornecem provas. Qualquer coisa de que se ouve falar, mas de que se duvida, parece ficar provado graças a uma fotografia. Numa das variantes da sua utilidade, o registro de uma câmera incrimina. [...] uma fotografia passa por ser uma prova incontroversa de que uma determinada coisa aconteceu. Por mais distorcida que a imagem se apresente há sempre a presunção de que algo existe ou existiu, algo que é semelhante ao que vemos na imagem. Sejam quais forem as limitações (no caso do amadorismo) ou pretensões (no caso da capacidade artística) do fotógrafo, uma fotografia — qualquer fotografia — parece ter uma relação mais inocente, e por isso mais exacta, com a realidade visível do que os outros objectos miméticos. (SONTAG. 1986, p.15-16)

Detalhes em que uma foto pode despertar lembranças que podemos nem ao menos ter experimentando. Ignoremos aqui a existência de manipulação de imagens, que derivaria em si só uma larga discussão sobre sua funcionalidade, ética e a fins que não tão pertinente para nosso raciocínio no momento. A fotografia tem dado a possibilidade de expressarmos-nos cada vez mais livremente. O importante é perceber como a fotografia ao ser popularizada, alterou a forma de vermos o mundo, de planejarmos o mundo. Ela é a forma mais acessível de termos o registro de nossas vidas, uma tentativa ingênua de eternizar nossas lembranças, de alguma forma, nos tornar eterna.

### **Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 14-172.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2002. p.84.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é fotografia**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. p.11.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.



SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1983. p. 15-138.

FERRARA, Lucrecia D. **Leitura sem palavras**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. 2 ed. Lisboa: Vega, 1995.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico. *In*: HOHLFELDT, A. **Teorias da Comunicação**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.